

A RADIONOTÍCIA: QUALIDADE E PRODUÇÃO

Radionews: quality and production

Radionotícia: la calidad y la producción

Luciano Victor Barros Maluly

Professor de Radiojornalismo e Doutor em Ciências da Comunicação, ambos pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Resumo

Este artigo é destinado aos ouvintes, produtores e jornalistas que se preocupam com a qualidade da programação nas emissoras de rádio e com a formação dos comunicadores. Esta proposta facilita a compreensão dos critérios de escolha das linhas editoriais dos programas, que são estabelecidas durante as reuniões de pauta e, assim, definem-se as áreas de atuação das equipes de jornalismo. Da mesma forma, é possível verificar a qualidade do conteúdo transmitido, ou seja, se é constituído por notícias reproduzidas, ampliadas ou autônomas. Já as produções seguem o padrão, mas as inserções de propostas paralelas e alternativas podem revelar a capacidade da equipe de jornalismo e da própria emissora.

Palavras-chave: Emissoras de Rádio. Notícia. Radiojornalismo. Repórter.

Abstract

This article is intended for listeners, producers and journalists who care about the quality of broadcast radio programs as well as the training of communicators. This proposal wishes to help understanding the criteria chosen for the selection of editorial lines established during newsroom meetings and that lead to the definition of which journalist teams will focus on which subjects. Likewise, it is made possible to verify the quality of the content, in other words, to identify whether it is the result of news having been simply reproduced, elaborated or which are standalone. There are already conventions for the production of content, but the consideration of parallel or alternative proposals can reveal specific abilities of the news team and the station.

Key words: Broadcasting Radio. News. Radiojournalism. Reporter.

Resumen

Este artículo trae una propuesta que facilita la comprensión de los criterios de elección de las líneas editoriales de los programas, establecidas durante las reuniones de pauta y, así, se definen las áreas de actuación de los equipos de periodismo. Es posible también verificar la calidad del contenido transmitido: si es constituido por noticias reproducidas, ampliadas o autónomas. Ya las producciones siguen el patrón, pero las inserciones de propuestas paralelas y alternativas pueden revelar la capacidad del equipo de periodismo y de la propia emisora.

Palabras-clave: Emisoras de Radio. Noticia. Radiojornalismo. Reportero.

Introdução

Construir programas radiojornalísticos que sejam interessantes em termos de formato e conteúdo não é nada fácil para os profissionais de comunicação; imagine então para os estudantes de comunicação que têm poucas disciplinas direcionadas ao ensino da mídia sonora. Surge assim um entrave e, por conseguinte, a necessidade de diminuir os obstáculos relacionados ao planejamento de produtos noticiosos.

Antes de preparar um programa de rádio, o responsável analisa as condições físicas e humanas disponíveis. Muitas vezes, devido às dificuldades financeiras das emissoras, a equipe de jornalismo (quando existe) é restrita, limitada ao mínimo de profissionais e recheada de colaboradores e estagiários. Além disso, com o recurso digital, permitiu-se a realização de trabalhos individuais e/ou independentes. A mudança fez a alegria dos proprietários que diminuíram os custos, em decorrência da possibilidade de uma produção fora dos estúdios (a edição pode ser realizada num computador caseiro, por exemplo) e a tristeza dos radialistas, que perdem postos de trabalho a cada dia, tanto no lado operacional, que serve de apoio à equipe, em especial ao locutor (que já opera o equipamento sozinho), e dos repórteres (que editam o material em microcomputadores).

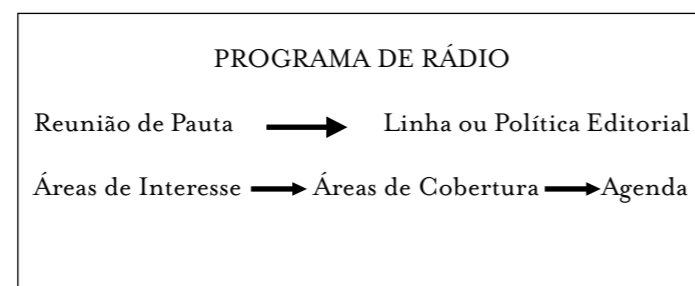
Neste universo, torna-se relevante analisar, com muito cuidado, o potencial da equipe. Em conversas privadas, é possível descobrir a habilidade e o foco de interesse de cada membro do grupo. Se um repórter tem aptidão para o esporte e outro tem interesse pela política, já é conveniente definir duas áreas de cobertura. As demais são escolhidas em reuniões de pauta, definindo-se assim a linha editorial do programa. Torna-se importante revelar que a qualidade do noticiário depende da seleção das notícias a serem veiculadas, mas também da cobertura realizada pela própria equipe, ao contrário do que se faz hoje com a retransmissão ou plágio das notícias veiculadas pelos grandes meios, em particular as agendadas nos/pelos telejornais, jornais impressos diários, portais, entre outros.

Depois de descobrir o perfil da equipe, é possível planejar a linha ou política editorial do programa. O fundamento condiciona uma conduta ao repórter (para a confecção do programa) e ao ouvinte (perante a notícia), ou seja, um direcionamento para quem faz e para quem ouve. Assim,

um programa destinado à prestação de serviços e ao debate contém notícias permeadas pelo universo da orientação/interpretação, com o repórter na busca de pautas e fontes de interesse do seu público.

A autonomia do repórter condiciona a última etapa do planejamento da equipe. Há um acordo sobre a produção, com o jornalista a fomentar pautas e produzir materiais dos assuntos dos quais possui conhecimento e daquelas em que, pela importância, é necessária a cobertura e, em virtude do desconhecimento, merece um cuidado na apuração. Neste último, nada melhor do que ampliar a pesquisa por meio da consulta a documentos e pessoas.

A escolha das notícias que serão transmitidas independente, em parte, do desejo e interesse da equipe, ou seja, elas acontecem e cabe ao jornalista estar atento aos fatos e aos pensamentos. De um lado, é possível planejar a cobertura, por meio do convívio, revelando ainda a opinião pública sobre os acontecimentos. Afinal, as situações são comuns diante do trabalho, da escola, da saúde, do lazer, do transporte e assim por diante. De outro, é fundamental conhecer as técnicas que revelem os fatos como notícias. O acaso, o inusitado e o inédito, como as situações a que uma pessoa está sujeita a enfrentar. Das tragédias às conquistas, independente da distância, o repórter as reconstrói por meio das narrativas.



A estrutura física das emissoras é uma preocupação constante dos profissionais, em particular os envolvidos com a área técnica. A atualização dos equipamentos (computadores, mesas de som, antenas, entre outros) fomenta os debates internos, sendo um processo, muitas vezes, lento e de angústia, já que muitos sabem o que é necessário, mas esbarram no custo e na burocracia (esta causada pela falta de

planejamento que poderá ocasionar o embate entre as áreas administrativa e técnica). Todavia, esse setor é prejudicado ainda pelo (sub) aproveitamento do conteúdo, fator ampliado pelas mídias digitais. Um exemplo notório é o desconhecimento dos arquivos das emissoras, pouco aproveitados pelos jornalistas nos noticiários. Muitos comunicadores preferem a captação direta de sonoras, várias via telefone ou internet, considerando desnecessária a pesquisa em arquivos. Outro ponto é a ausência de produções de programas com a participação direta nos estúdios, como os debates, ou mesmo das transmissões *in loco* das reportagens. Por isso, o recomendável é investir em tecnologia, mas com planejamento para a utilização dos recursos.

A linha ou política editorial da emissora e, consequentemente dos programas, possibilitará aos jornalistas e radialistas conduzirem os projetos com dinamismo, sem dependerem das produções de outros meios, como os ligados aos poderosos grupos de mídia. Desta forma, a originalidade substituirá o plágio e a constante dependência observada atualmente.

A produção da radionotícia

Depois de realizado o mapeamento dos recursos diante de suas possibilidades junto à produção jornalística, é hora de fomentar o período de realizações. O equilíbrio entre as produções internas e externas permite, particularmente ao ouvinte, perceber o trabalho que está sendo realizado, assim como a ter contato direto com a equipe de jornalismo. Repórteres nas ruas e convidados a debater no estúdio são exemplos de uma rádio aberta, que opera pensando no cidadão e não no universo das celebridades que é fomentado pelos grandes meios.

O radiojornal é o tipo de manifestação que mais demonstra o perfil da equipe. Da seleção das notícias ao tipo de produção, observa-se o que foi realmente realizado pela equipe da emissora e o que foi reproduzido, da pauta à matéria final. Quanto mais original, mais dinâmico e envolvente fica o programa.

Em segundo plano está a produção baseada no uso dos

recursos audiovisuais disponíveis e de fácil acesso, como o telefone, a internet, entre outros. Este caso é importante para o fomento de pautas que, pela linha editorial, são necessárias ou mesmo obrigatórias, mas de difícil apuração. Porém, esta prática (de captação e produção de matérias e programas à distância) precisa ser conduzida com cuidado, sem interferir nas reportagens ou mesmo na produção de quadros ou programas com a participação ao vivo dos entrevistados.

Em terceiro plano estão as matérias reproduzidas de outros meios, que são apenas retransmitidas ou mesmo analisadas por um membro ou colaborador da equipe. Geralmente, são matérias factuais e imediatas, com pouca apuração, em formato de notas. É um recurso muito utilizado e, em muitas emissoras sem estrutura para o jornalismo, torna-se a única opção.

Nesta escala e diante da produção, a avaliação da qualidade do programa pelo ouvinte, pelo responsável e pelo professor segue o mesmo parâmetro:

1º) Matérias originárias e/ou produzidas pela equipe de jornalismo (reportagens, debates e entrevistas com participação dos convidados no estúdio, entre outras);

2º) Matérias à distância originárias e/ou produzidas pela equipe de jornalismo (textos e sonoras captados via telefone, internet e outros meios, transmitidos ao vivo ou mesmo editadas, independente do formato);

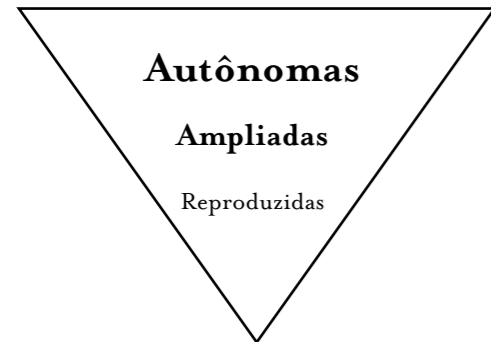
3º) Matérias reproduzidas pela equipe de jornalismo (textos e sonoras prontos captados de outros meios e emissoras, editadas ou não, independente do formato).

No segundo momento, a avaliação do conteúdo segue um critério semelhante, observando a qualidade do trabalho da equipe de jornalismo. Neste caso, ocorre um processo inverso diante dos critérios de seleção das notícias. Se as matérias transmitidas são originárias de outros meios, tem-se uma falsa ilusão de estar antenado com o mundo. Assim, o programa serve apenas como mais um canal de retrans-

missão, com a limitação do trabalho jornalístico. O programa perde credibilidade pela semelhança com os demais.

Todavia, se a equipe conduz as mesmas matérias de uma maneira diferenciada, buscando outras formas de tratamento (seja pela investigação do repórter, abertura para opinião, debates, inserção de novas fontes, inclusive ouvintes, etc.). Assim, a notícia ganhará um outro contorno, com detalhes que ampliarão o conteúdo.

Uma etapa posterior e ainda mais interessante é a condução das matérias pela própria equipe, sem interferência da angulação dada por outros meios. Desde a origem, as informações são tratadas pelos jornalistas da emissora, garantindo assim uma linha editorial autônoma e, se possível, inovadora.



Diante do conteúdo, o ouvinte, o professor ou o responsável pelo programa detecta a qualidade da notícia veiculada e, assim, do programa, da seguinte forma:

A mescla de ambas é um procedimento interessante, fácil e que pode ser uma saída para os produtores que preferem seguir a agenda dos grandes meios. A divisão apenas entre matérias ampliadas e autônomas garante uma produção contínua, determinada pelo trabalho de apuração da equipe. Caso o editor opte por escolher apenas matérias ampliadas, correrá o risco de ter de seguir a programação de outros veículos. Por estarem na frente, esses meios conduzem a notícia, por exemplo, por meio de uma informação que poderá surpreender a todos e mudar o rumo da cobertura. Por isso, precisará de uma equipe experiente e preparada para a mudança de planejamento, o que causará despesas, muitas vezes desnecessárias, assim como acontece com as pequenas

emissoras que tentam seguir a linha editorial dos grandes monopólios de mídia, como a televisão.

A opção por uma produção autônoma dinamiza o noticiário que, assim, possui um diferencial diante do conteúdo. Além disso, se a equipe for criativa e conhecer as possibilidades de manifestações radiojornalísticas, conseguirá atrair o público pela plástica, utilizando recursos conhecidos como a música e os efeitos sonoros, além da recuperação de arquivos, passagens dos repórteres e captações de ruídos. O custo também diminui por causa da liberdade de escolha da pauta e da condução da reportagem, que não precisará seguir o cronograma estabelecido por outro programa, emissora ou mídia.

Produções paralelas e adicionais

Uma outra forma de observar o trabalho da equipe de jornalismo, no caso dos ouvintes e responsáveis, assim como dos alunos, no caso do professor, é por meio das produções adicionais ou paralelas aos noticiários, inclusive com a adesão de material em multimídia, com a distribuição nos espaços digitais, por meio de imagens e textos.

O programa mais conhecido é o Boletim (noticioso ou informativo), que é um breve informativo, com as principais notícias relacionadas ao momento da cobertura. Este programa possui vários sinônimos, sendo chamado de síntese, programete, jornal de curta duração, entre outros. O termo boletim também é designado para a transmissão de uma breve informação pelo repórter, seja ao vivo ou gravada, *in loco* ou no estúdio. É utilizado como um resumo das principais notícias, sendo transmitido durante toda a programação, em intervalos que vão, geralmente, de quinze minutos até uma hora, dependendo da emissora. O conteúdo dos boletins forma a base do Radiojornal.

O planejamento de Especiais enquadra-se no contexto das grandes coberturas, por exigir um esforço e um conhecimento a mais da equipe de jornalismo. O tratamento, no caso do Especial, é diferenciado da programação normal, com a utilização dos diversos recursos radiojornalísticos, no caso da produção, e da angulação, no caso do conteúdo. A

coleta de dados é determinante, com informações aprofundadas advindas de pesquisas e entrevistas que, geralmente, não entrariam em uma matéria de rotina. Por causa do tempo de duração, é permitido inserir sonoras mais longas, incluindo arquivos, músicas, radiodramaturgia, entre outras possibilidades. O Especial entra como uma matéria diferenciada no noticiário ou mesmo como um programa extra durante a programação. É muito utilizado diante de datas comemorativas, falecimentos, eventos, assuntos em destaque etc.

Os programas de entrevistas também demonstram a capacidade de articulação e abertura da equipe de jornalismo. São utilizados quando uma pessoa ou assunto merecem destaque. Destacam-se como principais formatos, a Entrevista Tradicional (individual ou em grupo), o Debate e a Mesa-redonda. O segredo para estas produções é a quebra do padrão perguntas e respostas. Para isso, é importante contextualizar as perguntas por meio de informações reveladas pelos locutores e repórteres que estão na mesa, assim como pela inserção de reportagens, entrevistas adicionais, matérias opinativas, arquivos e assim por diante. Essas produções facilitam a interpretação do ouvinte, assim como a separação das perguntas por blocos, que podem ser facilitadas ainda pela introdução de vinhetas, músicas ou mesmo pelos locutores.

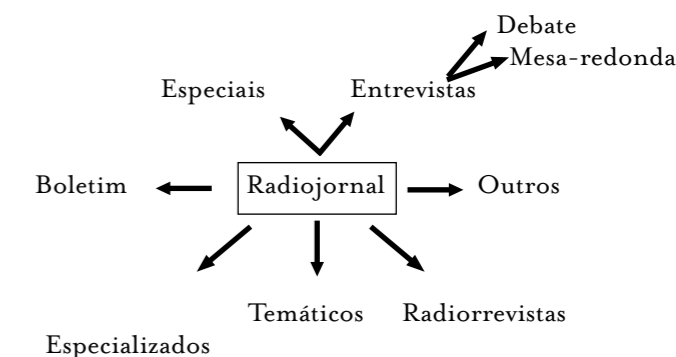
Para facilitar a condução desses programas, existem algumas técnicas muito exploradas no rádio. No caso dos Debates, torna-se essencial convidar pessoas com ideias opostas, permitindo o confronto de opiniões. O roteiro precisa estar equilibrado, possibilitando o mesmo tempo e chances de respostas aos convidados. A réplica e a tréplica são usuais no decorrer do debate. Já os blocos se organizam por meio de perguntas do público, dos jornalistas, dos convidados e também por temas de interesse, sendo sorteadas para evitar privilégios e desconfiança do público. O referencial é o debate político, que acontece na época de eleições.

No caso da Mesa-redonda, as regras são bem mais amenas, prevalecendo o contraste entre o confronto e o consenso. O exemplo mais comum é o programa esportivo, um misto de Mesa-redonda e Radiojornal, em que as informações e as opiniões se misturam durante a apresentação das diversas modalidades esportivas. Um outro ponto é que várias pessoas podem ser convidadas. Para o programa não ficar confuso, o produtor organiza as falas, separando os assuntos em bloco. Cada convidado emite a sua opinião somente sobre o assunto

que lhe é pertinente. Porém, esta estrutura não é uma regra, sendo possível organizar programas em que todos os convidados emitem opiniões mesmo sobre os assuntos que desconhecem.

Mesmo não sendo uma regra, o programa de Entrevista tradicional tem uma pessoa como protagonista, sendo ela o centro das atenções. O público quer ouvir as ideias do convidado, com as opiniões dos entrevistadores ficando em segundo plano. Para ilustrar o programa, o produtor trabalha em parceria com o próprio convidado, que cede materiais de arquivos pessoais e mesmo fontes que auxiliarão na montagem do programa. Assim como no Debate e na Mesa-redonda, os entrevistadores precisam estar muito bem preparados, pesquisando os assuntos e os currículos dos entrevistados. Caso contrário, a tônica do programa será revelada apenas por perguntas e respostas prontas, sem a possibilidade de diálogos inteligentes, que tragam reflexões e acrescentem novidades ao público.

Além dos Especiais e Entrevistas, outros programas são usuais nas emissoras de rádio, como os Especializados ou Editoriais (cultural, econômico, educacional, esportivo, política, político, saúde etc.); Temáticos (feminino, sindical, comunitário etc.); Radiorrevistas (retrospectivas e resumos semanais), entre outros que integram a programação. Como são periódicos, discutem a mesma pauta e possuem horários pré-estabelecidos. Esses programas necessitam de novidades, que são preenchidas pela produção de quadros que diferem dos modelos tradicionais. O uso da radiodramaturgia e de colaboradores é uma das alternativas para prender a atenção do público.



Considerações Finais

A qualidade do noticiário depende ainda de algumas condições básicas como a autonomia da equipe de reportagem e a abertura de canais aos interessados. Diante da autonomia, é possível aproveitar a capacidade dos repórteres. Caso um membro da equipe possua aptidão para alguma área de interesse, como o teatro, por exemplo, é natural estimulá-lo para a produção de algum programa, independente do formato. Assim, o jornalista faz o trabalho de rotina e tem um espaço próprio, não se sentindo podado por ter de cumprir apenas a pauta diária.

A abertura de canais para reclamações e sugestões é importante para o planejamento da pauta, assim como para introdução de novos programas. Algumas produções (como os radiodocumentários) são caras, mas comuns entre universitários e demais produtores independentes e, por isso, torna-se viável abrir um espaço para a transmissão desse tipo de trabalho. Da mesma forma, os ouvintes e colaboradores contribuem para o noticiário quando trazem novas ideias para a produção de matérias e programas, além de oferecerem material independente ou mesmo arquivos para serem transmitidos e disponibilizados pelas emissoras.

O entrosamento da equipe é um fator fundamental, com as mais variadas atribuições (redator, repórter, locutor, roteirista, pesquisador, pauteiro, entre outros) sendo pré-estabelecidas pelo responsável (coordenador, editor ou diretor). Todavia, numa equipe pequena, os jornalistas exercem diversos trabalhos, sendo polivalentes, com o intuito de colocar o noticiário no ar. O horário e a duração do programa também dependem do número de integrantes da equipe. Se for pequena, com uma ou duas pessoas, a melhor opção é elaborar programas com um convidado no estúdio e se aprofundar em uma ou duas radioreportagens durante o dia, complementando o programa com matérias de rotina e de prestação de serviços à comunidade. A duração depende do fôlego e da articulação da equipe, mas um período de meia-hora é o suficiente, mesmo sendo com mais de uma edição durante o dia (manhã, tarde e noite).

No caso de uma equipe maior, além da rotina, é possível articular coberturas contínuas sobre vários assuntos, convidando diversas pessoas para participar do programa. Várias edições de, no mínimo, meia-hora são elaboradas, com resumos dos principais assuntos nos intervalos. As entrevistas e as coberturas podem ser aproveitadas para as produções extras. Mesmo após o fim do programa, solicita-se ao entrevistado que permaneça na emissora para a continuidade da entrevista, que será transmitida na íntegra em outro horário. Da mesma forma, as radioreportagens são editadas, acrescentando novos detalhes, transformando-se em especiais. Também as notícias de uma editoria, como a de esportes, por exemplo, são separadas, gerando um programa especializado que, acrescido de matérias adicionais, atrai determinado público.

As disciplinas de radiojornalismo nos cursos de graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, seguem o mesmo ritmo, com o professor ensinando os conceitos, com vistas à produção de noticiários, com destaque para o Boletim e o Radiojornal, no primeiro momento (semestre ou bimestre), e de Especiais, Entrevistas e/ou outros programas, no segundo momento (semestre ou bimestre). Caso tenha dois semestres, o primeiro será dedicado a conceitos e aos noticiários (Radiojornal), com o máximo de duas produções, e o segundo a elaboração de três programas (Entrevista, Especial e um formato extra/adicional - Temático, Radiorevista, Radiodocumentárioetc). Se possível, as produções são transmitidas na rádio universitária e/ou disponibilizados no site da instituição de ensino.

Por fim, a melhor solução é investir na formação, fator contínuo e não limitado ao período da faculdade. Iniciativas simples, como investir no ensino de línguas (para cobertura e produções em outros idiomas), trocar livros com os colegas, montar uma biblioteca, convidar os mestres para ministrarem palestras ou oficinas, abrir as portas aos interessados para conhecerem e colaborarem com a emissora, enfim, revelar conhecimentos, fazem a diferença. Deste universo, os jornalistas e, conseqüentemente, as emissoras comunicam-se com os ouvintes.

Jornalistas	Emissoras
Abertos	Criar espaços de convivência
Autônomos	Discutir assuntos do cotidiano
Criativos	Estimular o conhecimento
Entrosados	Incentivar novos programas
Participativos	Investir na formação dos profissionais
Polivalentes	Manter canais abertos com a população

Referências

AMARAL, L. (1982) Jornalismo - matéria de primeira página. Rio de Janeiro/Fortaleza: Tempo Brasileiro/Edições da Universidade Federal do Ceará, 1982.

BENTO FILHO, J. C. (2013) Radiorevista: entre o hábito e a surpresa (Apresentação para formação em Radioescola de professores da Rede Pública de Fortaleza (Ceará) - Projeto Ondas Cidadãs). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará ONG Catavento Comunicação e Educação, abril de 2013. Disponível em: http://prezi.com/_ovwjexzOgpn/radiorevista-entre-o-habito-e-a-surpresa/ Acesso: 03 de junho de 2014

FERRARETO, L. A. & KOPPLIN, E. (1992) Técnica de redação radiofônica. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzatto.

LUCHT, J. M. P. (2009) Gêneros Radiojornalísticos - análise da Rádio Eldorado de São Paulo. (Tese de Doutorado - Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo). São Paulo: Umesp.

MEDITSCH, E. & ZUCULOTO, V. (orgs) (2008). Teorias do Rádio - textos e contextos. Volume II. Florianópolis: Editora Insular.

LIMA, Z. de A. (1970). Princípios e técnica em radiojornalismo. Brasília: Icinform.

OTA, D. C. (2006). A informação em rádios de fronteira: a questão da binacionalidade em Ponta-Porã - Pedro Juan Caballero e Corumbá - Puerto Quijarro. (Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo). São Paulo: ECA/USP.

VENANCIO, R. D. O. (2006) Jogo lógico e a gramática do rádio: analítica de um jogo de linguagem comunicacional e seus diferendos. (Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Universidade de São Paulo). São Paulo: ECA/USP.

Outras publicações do autor:

MALULY, L. V. B. (2014) O que é mídia, afinal? O FRUTO DE UM ABRAÇO. Triade - comunicação, cultura e mídia, v. I, p. 325-334, 2014

MALULY, L. V. B. (2014) A Cidade Olímpica de Piraju (SP) - Interface entre o jornalismo esportivo, o meio ambiente e o turismo. Revista de Cultura e Extensão, v. I, p. 75/2316-9060-86.

GAGLIARDI, C. M. R. ; MALULY, L. V. B. (2014) A mensagem da Copa do Mundo no Brasil. Observatório da Imprensa (São Paulo), v. I, p. 1-3.

MALULY, L. V. B. (2014) A Notícia Olímpica. Leituras em Jornalismo, v. I, p. 1-11.

MALULY, L. V. B. ; NOVAES, M. P. (2014) Philosophy and Fiction--Tattoo of the counter-culture crossing the Brazilian dictatorship. Journalism and Mass Communication, v. 4, p. 565-571.

COMUNICAÇÃO COMO ESTRATÉGIA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO DE BELO MONTE

Communication as Strategy: an exploratory study about Belo Monte's power plant

Comunicación como estrategia: un estudio exploratorio de Belo Monte

Márcia Garçon

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Centro de Estudos de Avaliação e Mensuração em Marketing e Comunicação (Ceacom-ECA/USP).
Email: mgarcon@usp.br

Mitsuru Higuchi Yanaze

Professor titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Coordenador geral do Centro de Estudos de Avaliação e Mensuração em Marketing e Comunicação (Ceacom-ECA/USP).
Email: mitsuruyanaze@uol.com.br

Resumo

Realizamos um exercício exploratório com a Usina Belo Monte, com o objetivo de identificar o impacto das decisões, em termos de diminuição dos conflitos, quando utilizada a Comunicação como Estratégia conforme proposta da Nova Teoria Estratégica (Pérez, 2012a). A partir de dados coletados sobre o empreendimento entre 1975 e 2011, fizemos uma comparação entre as decisões reais e as possíveis ações inspiradas na NTE e descobrimos que a Comunicação como Estratégia favorece a minimização dos conflitos e minimiza os riscos de impacto negativo na imagem e na reputação da organização.

Palavras-chave: Comunicação. Estratégia. Conflito. Relacionamento. Belo Monte.

Abstract

We conducted an exploratory exercise about the Belo Monte's power plant in order to identify the impact of decisions, in terms of reducing the conflict, when used the Communication as Strategy in accordance with New Strategic Theory (Perez, 2012a). From data collected between 1975 and 2011, we made a comparison between actual decisions and possible actions inspired by NTE. The results showed that the Communication Strategy minimizing conflicts and the risk of negative impact on the image and reputation of the organization.

Key words: Communication. Strategy. Conflict. Relationship. Belo Monte.

Resumen

Un ejercicio exploratorio con la planta de Belo Monte, con el objetivo de identificar el impacto de las decisiones en la reducción del conflicto, cuando se utiliza la comunicación como estrategia, tal como propone la Nueva Teoría Estratégica (Pérez, 2012a). De los datos recogidos en el proyecto entre 1975 y 2011, hemos hecho una comparación entre las decisiones reales y posibles acciones inspiradas en la NTE y encontramos que la comunicación como estrategia minimiza los conflictos y el riesgo de impacto negativo en la imagen y reputación de la organización.

Palabras-clave: Comunicación. Estrategia. Conflicto. Relaciones. Belo Monte.